



PROVA OBJETIVA

■ QUESTÃO 01



Borba Gato



Bartolomeu Bueno da Silva, o
segundo Anhanguera

Estátuas famosas da cidade de São Paulo — como a do bandeirante Borba Gato, em Santo Amaro, e a de Bartolomeu Bueno da Silva, no Parque Trianon — ganharam um "adereço macabro" nas últimas semanas. Manifestantes colocaram caveiras em frente a essas estátuas e as fotografaram. As fotos viralizaram nas redes sociais. O responsável pelas intervenções é o Grupo de Ação, que nasceu *on-line* em maio de 2020, durante a pandemia, e reúne cerca de 150 pessoas de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Adaptado de Bárbara Muniz Vieira. Portal G1, 2020.

As intervenções realizadas pelo grupo mencionado na reportagem têm o objetivo de promover o seguinte uso do passado:

reparação material

destruição simbólica

depredação patrimonial

ressignificação histórica



■ QUESTÃO 02

Vários historiadores proeminentes têm cumprido um importante papel ao tornar as pesquisas sobre o passado da Nova Zelândia mais acessíveis para os professores de História. Porém, o desafio é alinhar essas abordagens historiográficas com as perspectivas Maori. A forma Maori de pensar sobre história tem sido caracterizada da seguinte maneira: trata-se de uma caminhada em direção ao futuro, no mesmo momento em que se olha para o passado. Essa perspectiva se reflete no provérbio Maori “Ka Mura, Ka Muri”, que significa que olhamos para o passado com o objetivo de pensar o futuro e que o passado e o presente são uma entidade única. Todos os recursos dos Maori contemporâneos estão alinhados com suas experiências do passado.

Adaptado de SHEEHAN, Mark. Historical thinking, “difficult histories” and Māori perspectives of the Past. In: The Palgrave handbook of history and social studies education, 2020.

De acordo com o texto, o esforço do diálogo entre os historiadores e os Maori sobre passado, presente e futuro revela a seguinte particularidade:

linearidade dos vínculos raciais

complexidade das relações temporais

uniformidade das dimensões espaciais

subalternidade das concepções étnicas



■ QUESTÃO 03

Durante séculos, o Brasil foi colonizado por uma nação europeia, e isso deixou marcas profundas em nossa sociedade, a começar pela forma como entendemos a história. Acostumamo-nos, por exemplo, a ver os povos africanos e os povos indígenas como povos atrasados, passivos e sem protagonismo, enquanto os povos europeus seriam aqueles que fizeram a humanidade realmente avançar, produzindo uma cultura “universal”.

Há algumas décadas, essa forma de escrever a história mudou. Historiadores e historiadoras em todo o mundo passaram a estudar, pesquisar e escrever muito mais sobre outros povos e culturas, e, recentemente, essa “nova história”, chegou, ainda que timidamente, aos livros didáticos.

Adaptado de LEAL, Bruno; MULLET, Nilton. Professores e professoras de história são mesmo doutrinadores?, 2021.

A mudança recente na escrita da história, salientada no texto, possui a seguinte característica:

- imposição de ideologias
- equiparação de diferenças
- cerceamento de liberdades
- multiplicidade de narrativas**



■ QUESTÃO 04

Como resultado das mobilizações depois da morte de George Floyd, em 2020, muitas escolas têm reforçado suas palestras e seus programas educacionais contra a discriminação e o racismo sistêmico e, com isso, irrompeu também a reação conservadora. Uma série de Estados republicanos — Texas, Idaho, Oklahoma e Tennessee, entre outros — introduziu ou aprovou legislação para restringir o modo como a história é contada. Um dos elementos centrais dessa disputa é a chamada Teoria Crítica Racial, um campo de estudos que promove o debate sobre o papel da raça e do racismo na sociedade. Hoje, pode-se vê-la sendo distorcida, especialmente pela direita, em mensagens nas redes sociais, como a divulgada recentemente no Twitter: “Conseguimos deixar cravada sua marca — ‘teoria crítica racial’ — no debate público. Em algum momento a converteremos em algo tóxico e colocaremos todos esses delírios culturais nessa categoria”.

Adaptado de Amanda Mars. EL País, 2021.

Em relação às hierarquias raciais, a reação à Teoria Crítica Racial apresentada no texto explicita uma postura de natureza:

classista

racionalista

determinista

negacionista



■ QUESTÃO 05

Texto 1

Os dizeres dos nossos ancestrais nunca foram desenhados. São muito antigos, mas continuam sempre presentes em nosso pensamento até hoje. Continuamos a revelá-los a nossos filhos, que, depois da nossa morte, farão o mesmo com os seus. É desse modo que, aos poucos, as palavras dos maiores vão fazendo seu caminho nos pequenos. Depois, quando ficam adultos, tornam-se por sua vez capazes de dá-las a ouvir. É assim que transmitimos nossa história, sem desenhar nossas palavras. Elas vivem no fundo de nós. Não deixamos que desapareçam.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu. Palavras de um xamã yanomami, 2015.

Texto 2

A crítica à interculturalidade, por parte dos indígenas, tem sido um exemplo de que o conceito não substitui a experiência do diálogo e da convivência. Ao mesmo tempo que tem uma utilidade política e acadêmica, o conceito vai se tornando vazio. Bruno Ferreira Kaingang, indígena historiador e doutor em educação, afirma que, entre indígenas e não indígenas, não existe interculturalidade, pois, para que isso ocorra de verdade, precisamos ter muito conhecimento e respeito, de ambas as culturas.

Adaptado de MENEZES, Ana Luisa Teixeira de; BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Epistemes indígenas (Guarani e Kaingang) e Universidade: percursos de encontros em ações participantes e colaborativas, 2019.

A legislação vigente sobre as relações étnico-raciais determina a obrigatoriedade do ensino de história e da cultura afro-brasileira e indígena.

No que se refere aos povos indígenas, os textos 1 e 2 destacam a seguinte ação fundamental para a formação de professores de história:

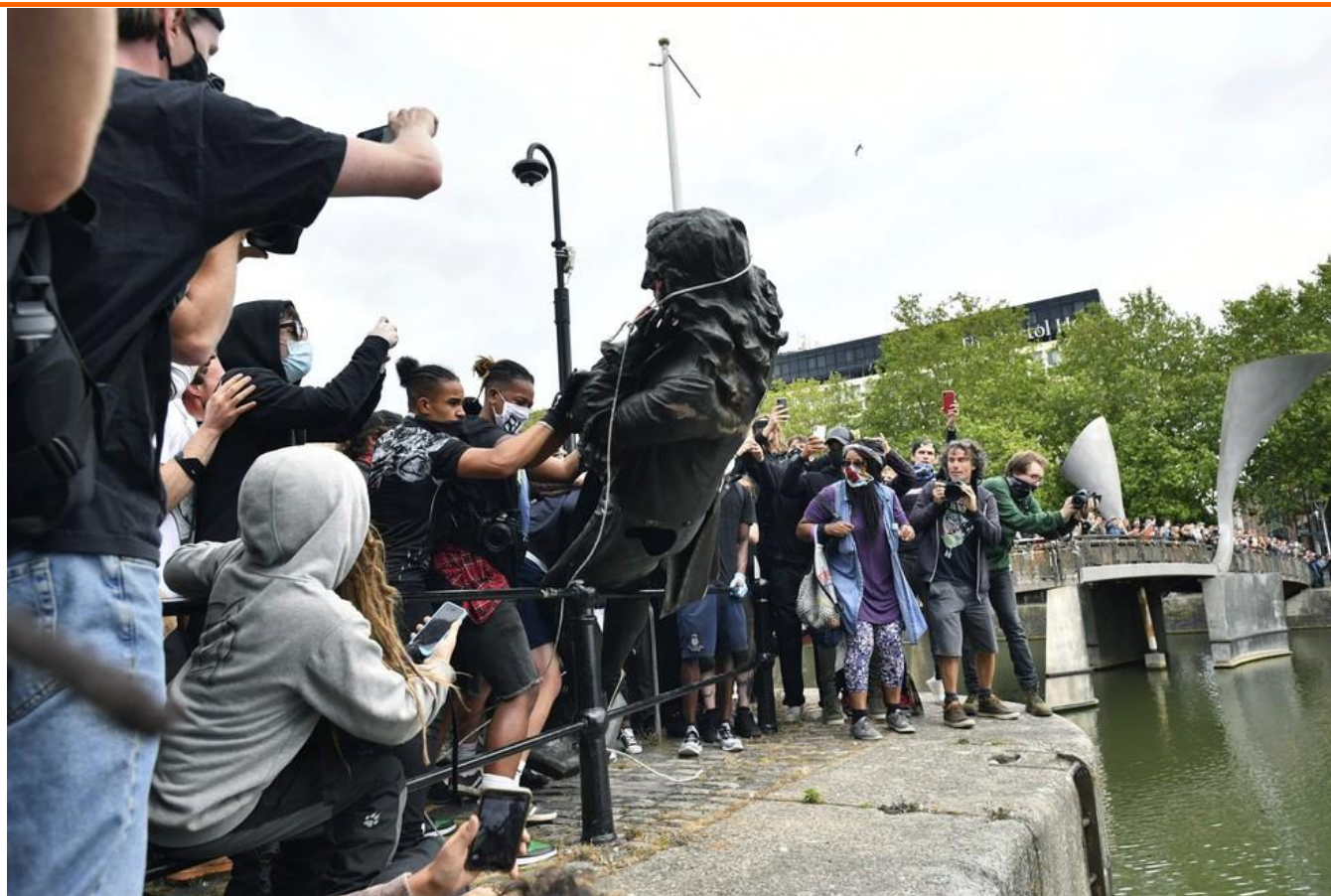
traduzir a oralidade

desenvolver a escuta

uniformizar a narrativa

privilegiar a descendência

■ QUESTÃO 06



Manifestantes jogam estátua do traficante de escravos Edward Colston no porto de Bristol, durante manifestação *Black Lives Matter*, na Inglaterra.

Adaptado G1 Mundo, 2020.

A partir da reportagem publicada em 2020, as ações dos manifestantes sobre o patrimônio demonstram a seguinte postura:

revisar o passado

afirmar a memória

preservar a história

defender a tradição



■ QUESTÃO 07

Frequentemente, aponta-se que a história é algo incomum, na medida em que o termo para a disciplina designa simultaneamente o seu objeto. Na base dessa feliz coincidência está uma ingenuidade epistemológica, pela qual a história, diferentemente de outras disciplinas, não precisa pensar o seu objeto, pois o seu objeto simplesmente é. A história-como-fato simplesmente acontece, e a história-como-disciplina seria a tentativa de recriar esse acontecimento tanto quanto os seus documentos nos permitem fazê-lo. Mas na verdade, essa ingenuidade não pode obscurecer o fato de que a história como uma disciplina não é tão inocente em termos de pré-condições. O passado não está para sempre disponível ao presente como uma entidade emudecida, esperando que o(a) historiador(a) lhe dê uma voz. A escrita da história não é simplesmente um “ofício” que se aplica a um objeto pré-existente, natural; ao contrário, e como qualquer disciplina, a escrita da história concebe e constrói o seu objeto.

Adaptado de SETH, Sanjay. Razão ou raciocínio? Clio ou Shiva?, 2013.

A “ingenuidade epistemológica” mencionada no texto de Sanjay Seth promove uma crítica à seguinte concepção de história:

antiga

atualista

metódica

subjativista

QUESTÃO 08



A arquiteta Maria Elisa Costa publicou nas redes sociais uma carta em que critica a intenção do governo federal de vender o Palácio Gustavo Capanema, prédio icônico projetado pelo pai, Lucio Costa, no Rio de Janeiro. Na postagem, Maria Elisa afirma que o palácio de 16 andares foi um marco definitivo na consolidação da arquitetura moderna não apenas no Brasil, mas no mundo.

A comunidade arquitetônica lançou um manifesto em que se diz assombrada com a ameaça de venda do palácio, construído durante a 2ª Guerra Mundial e inaugurado pelo presidente Getúlio Vargas em 3 de outubro de 1945: “O edifício sobre pilotis pousa elegantemente na esplanada com jardins de Roberto Burle Marx e a escultura Juventude, de Bruno Giorgi. No térreo, revestido com painéis de azulejos de Candido Portinari, encontram-se as obras de Prometeu e o Abutre de Jacques Lipchitz. Por tudo isso, a sede do ministério passou a ser denominada, na década de 1970, Palácio da Cultura”. O interior conta ainda com afrescos de Portinari e móveis projetados por Oscar Niemeyer. O manifesto diz que o valor do palácio é incalculável.

Adaptado de Catia Seabra. Folha Uol, 2021.

A reportagem apresenta críticas à proposta do governo federal de venda do edifício.

A justificativa para tais críticas se deve à seguinte postura demonstrada pelo governo:

silenciamento da memória social

apagamento da identidade nacional

desconhecimento do patrimônio histórico

reenquadramento do monumento artístico



■ QUESTÃO 09

Texto 1

Foi como um estrondo no céu do pós-guerra. Em 1952, aparecia a obra intitulada *Pele negra, máscaras brancas*, uma “interpretação psicanalítica do problema negro”. A introdução proclamava: “É preciso libertar o homem de cor de si mesmo. Lentamente, porque há dois campos: o branco e o negro”.

Seu autor, Frantz Fanon (1925-1961), foi ao mesmo tempo psiquiatra, ensaísta e militante político ao lado da Frente de Libertação Nacional (FLN) da Argélia, com a qual compartilhava a causa independentista.

Adaptado de MATHIEU, Anne. Frantz Fanon, uma voz dos oprimidos, 2021.

Texto 2

A literatura oficial e anedótica criou tantas histórias de preto, que não podemos mais ignorá-las. Porém, ao reuni-las, não se avança na verdadeira tarefa, que é mostrar seu mecanismo. O essencial para nós não é acumular fatos, comportamentos, mas encontrar seu sentido.

Adaptado de FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*, 2008.

A partir do diálogo estabelecido entre os dois fragmentos, a crítica destacada por Fanon se refere à:

reparação cultural

dominação colonial

emancipação social

autonomização laboral



■ QUESTÃO 10

Texto 1

A elaboração dos livros didáticos e seu emprego nas salas de aula se revelam instrumentos de significativa participação na construção das referências mentais e dos conhecimentos que estudantes e docentes carregam sobre os temas ali trabalhados, ou ali suprimidos.

Adaptado de OLIVA, Anderson Ribeiro. Lições sobre a África: Abordagens da história africana nos livros didáticos brasileiros, 2009.

Texto 2

Os livros didáticos atuam como mediadores entre concepções e práticas políticas e culturais, tornando-se parte importante da engrenagem de manutenção de determinadas visões de mundo e de história. É fundamental, portanto, discutir as suas dimensões como lugar de memória e como formador de identidades, evidenciando saberes já consolidados, aceitos socialmente como “versões autorizadas” da nação e reconhecidos como representativos de uma origem comum.

Adaptado de FONSECA, Thais Nívia de Lima e. História e ensino de história, 2003.

Os fragmentos contêm considerações sobre os usos do livro didático de história no cotidiano escolar.

Esses usos projetam a necessidade da seguinte ação docente:

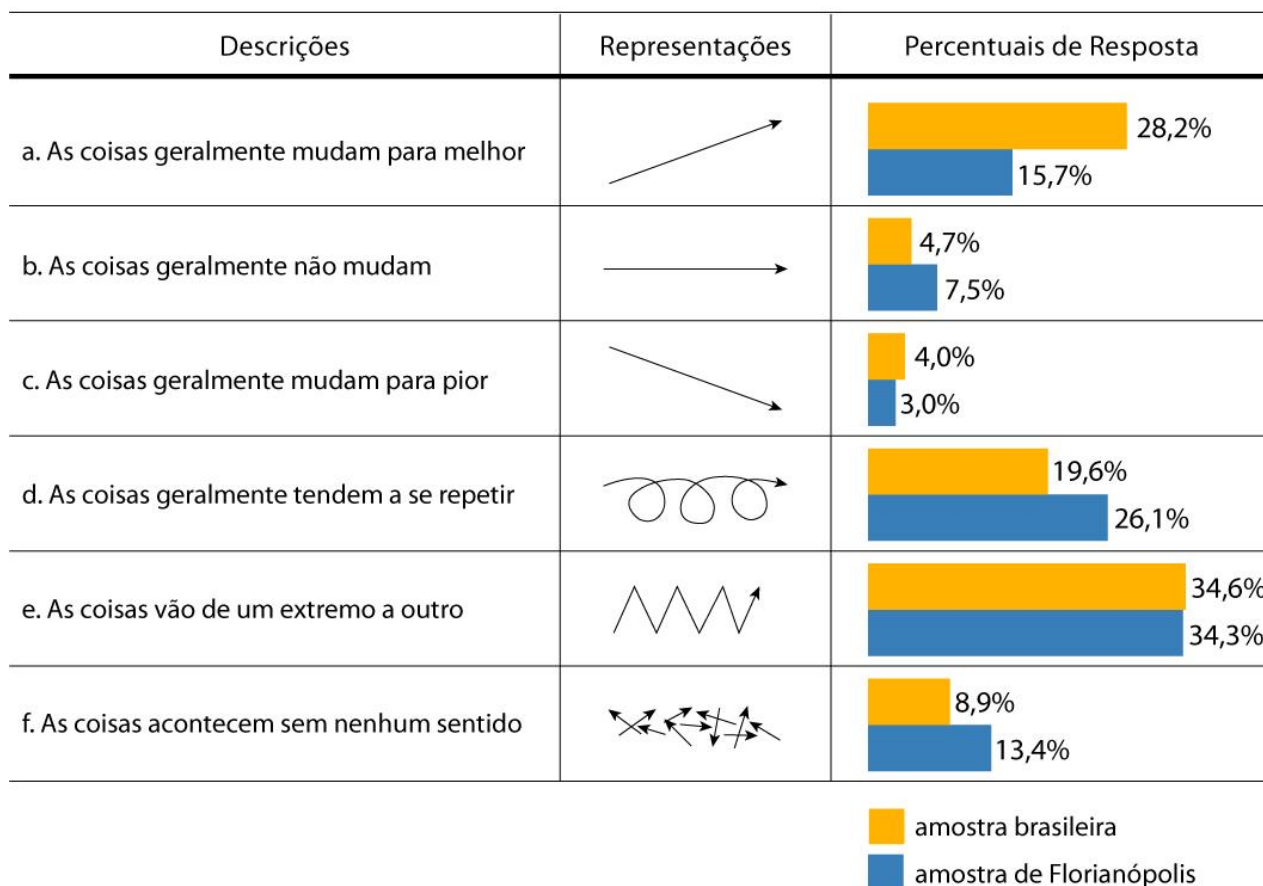
- ratificação de tradições curriculares
- pluralização de escolhas pedagógicas**
- reprodução de posturas conservadoras
- neutralização de perspectivas ideológicas



■ QUESTÃO 11

Em uma pesquisa realizada em 2013, estudantes de cerca de 15 anos responderam à seguinte questão:

Muitas vezes se olha a história como uma linha do tempo. Qual das seguintes linhas você pensa que descreve melhor o desenvolvimento da história?



Adaptado de OLIVEIRA, Núcia Alexandra Silva de. Concepções de ensino e aprendizagem de História entre jovens estudantes de Florianópolis/SC. In: Os jovens e a história: Brasil e América do Sul, 2018.

O gráfico representa as médias das respostas dos estudantes, comparando a amostra brasileira com a amostra de Florianópolis/SC.

A partir da análise do gráfico, a resposta predominante indica que os participantes da pesquisa atribuem um certo sentido ao tempo histórico.

Esse sentido é o de:

evolução

linearidade

polarização

regressividade

■ QUESTÃO 12

Edifício-Monumento, Parque da Independência e arredores em 1939-1940



Instituto Geográfico e Cartográfico, 1986.

As trajetórias do Edifício-Monumento e do Museu Paulista – também conhecido como Museu do Ipiranga – tornaram-se uma só por sua força simbólica no imaginário. Mas elas têm origens distintas. A construção do Edifício-Monumento concretizou o ideal do Império de criar um marco comemorativo da Independência do Brasil na região do Ipiranga. Já o Museu Paulista foi criado como Museu do Estado, formado a partir de uma coleção particular, instituído por decreto em 1890, um ano depois de proclamada a República. Em 1893, o Museu do Estado teve seu nome alterado para Museu Paulista, e o Monumento do Ipiranga foi declarado propriedade do estado e destinado a abrigá-lo. Assim, duas iniciativas, uma imperial e outra republicana, passaram a coabitar em um mesmo espaço construído.

Adaptado de FERRONI, Eduardo; Pablo HERENÚ, Pablo et al. A preparação do Museu do Ipiranga para o Bicentenário da Independência em 2022, 2020.

O espaço museológico analisado buscava a construção de uma monumentalidade diretamente associada à seguinte ideia:

origem nacional

hegemonia liberal

continuidade cultural

soberania governamental



■ QUESTÃO 13

Texto 1

Em determinadas propostas curriculares existe pouca vida. As pessoas comuns pouco aparecem — e menos ainda as mulheres —, não há memória coletiva para além daquela que institucionalmente se considera como memória nacional ou memória da pátria. É uma história homogeneizadora na qual uma determinada interpretação do passado se apresenta como o passado em si. É uma história estagnada, sem presente e sem futuro, uma história alheia àqueles que devem aprendê-la, uma história muda, sem voz, sem pessoas de carne e osso.

Adaptado de Pagès, J. (2007). ¿Qué se debería enseñar de historia hoy en la escuela obligatoria? ¿Qué deberían aprender, y cómo, los niños y las niñas y los y las jóvenes del pasado?, 2007.

Texto 2

Currículos que apresentam uma história linear, por etapas e com características evolucionistas, bem como cursos de formação de professores e materiais didáticos que cristalizam e consagram apenas uma versão europeia da História, tornam tarefa impossível a mudança do *status quo*. O argumento de que uma criança brasileira tem o direito ao conhecimento da história da Humanidade escamoteia, na verdade, a ideia de que a história só se realiza a partir dos europeus, considerados “civilizados”, “superiores” e, portanto, vistos como modelos de “progresso” e de “desenvolvimento”.

SILVA, Giovani José; MEIRELES, Marinelma Costa. Orgulho e preconceito no ensino de História no Brasil: reflexões sobre currículos, formação docente e livros didáticos, 2017.

Os textos 1 e 2 contêm críticas a determinadas propostas curriculares.

Um aspecto comum às críticas presentes em ambos os textos é a:

centralidade da cronologia única

ausência de concepções políticas

invisibilização de grupos minorizados

predominância da perspectiva decolonial

■ QUESTÃO 14



PUCK. 1900.

Nem imperialismo, nem colonialismo é um simples ato de acumulação e aquisição. Ambos são sustentados e talvez impelidos por potentes formações ideológicas que incluem a noção de que certos territórios e povos precisam e imploram pela dominação, bem como formas de conhecimento filiadas à dominação.

Adaptado de SAID, Edward W. Cultura e Imperialismo, 1995.

A representação da China na imagem configura uma das formações ideológicas que embasam as considerações de Edward Said.

Tal formação se relaciona com o conceito denominado de:

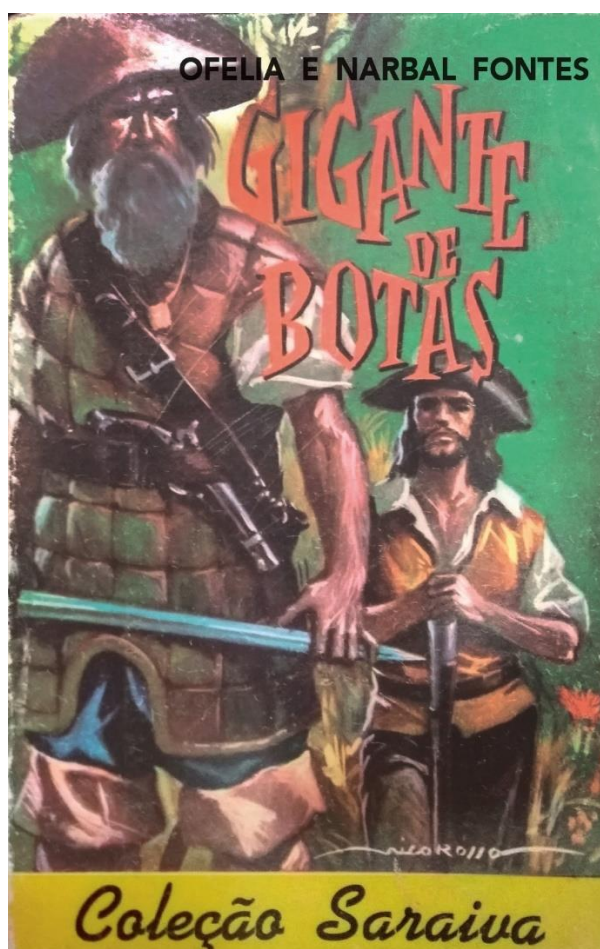
socialismo

globalismo

orientalismo

nacionalismo

■ QUESTÃO 15



FONTES, Ofélia; FONTES, Narbal. Gigante de botas, 1961 (2ª edição).

Apresentada como romance histórico, a obra "O gigante de botas" foi originalmente publicada em 1941, contando a história do Anhangüera. Teve sucessivas reedições, sendo bastante utilizada nas escolas.

A imagem da capa dialoga com a abordagem historiográfica que heroiciza o personagem.

Na atualidade, uma das principais críticas a essa abordagem tem por base um argumento fundamentado na prática de:

ocultar a ação genocida

apagar a mestiçagem populacional

desmerecer a colonização portuguesa

desvalorizar o expansionismo territorial



■ QUESTÃO 16

Entre as consequências do temporal que devastou a Alemanha em julho de 2021, a parte de trás da parede de uma casa no distrito de Hagen revelou um esconderijo nazista, que agora é investigado pelos historiadores.

"Só ficou claro que isso era um grande achado depois de alguns momentos. É algo muito importante, porque a literatura nazista ainda é pouco conhecida", disse um dos historiadores que fizeram a descoberta. Especialistas acreditam que a casa pudesse ser o lugar onde nazistas se refugiaram quando as tropas aliadas invadiram o país, em 1945. Alguns textos, que têm quase 100 anos, serão expostos no museu da cidade.

Adaptado de UOL, 2021.

A descoberta revelada na notícia permite a adoção do seguinte procedimento para a construção do conhecimento histórico:

exploração de fontes inéditas

catalogação de depoimentos orais

ampliação de acervos incompletos

monumentalização de artefatos antigos

■ QUESTÃO 17



Francisco Goya. Três de Maio de 1808 em Madri, 1814. Óleo sobre tela. Museu do Prado.



Pablo Picasso. Guernica. Óleo sobre tela, 1937. Museu Reina Sofia.

Wikipedia. 2021.

Criadas com mais de um século de distância, as duas obras de arte abordam aspectos de diferentes guerras.

Ao serem utilizadas no ensino de história, ambas permitem identificar intencionalidades dos seus autores e, ao mesmo tempo, perceber características das imagens para a construção do conhecimento histórico.

Usadas como fontes históricas, as duas obras compartilham a intencionalidade e a característica indicadas respectivamente em:

exaltar resistência e produzir perspectiva realista do fato

criticar acomodação e assegurar narrativa neutra da época

demonstrar adesão e constituir documento oficial do período

promover denúncia e fornecer representação parcial do evento



■ QUESTÃO 18

Uma professora de história, imbuída da vontade de fazer um excelente trabalho com seus alunos, propõe que eles elaborem um diálogo fictício entre Pedro Álvares Cabral e Neil Armstrong sobre conhecer o desconhecido. Alguém poderia concluir que essa proposta não cabe em uma aula de história, pois seria ancorada em anacronismo em seu mais puro grau. Mas cabe no campo das construções de narrativas literárias ficcionais, que encantam os seres humanos mundo afora. Cabe na possibilidade de identificar permanências quanto às ambições humanas.

Adaptado de OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. Anacronismo. In: Dicionário de Ensino de História, 2019.

Ao se valer do conceito de anacronismo, a professora utiliza a estratégia de:

apresentar fatos de modo a relativizar a cientificidade na vivência da escolaridade
valorizar personalidades de modo a situar a subjetividade na compreensão das rupturas

empreender comparações de modo a potencializar a criatividade no processo de aprendizagem

indicar continuidades de modo a caracterizar a evolução na explicação dos acontecimentos



■ QUESTÃO 19

As redes sociais estão tomadas por imagens de gente com cores diferentes de cabelo e maquiagem divertida. Os mesmos filtros que permitem isso borram rostos de pessoas negras e esfumam cabelos crespos.

Segundo Carla Vieira, engenheira de software, isso ocorre porque o programa usa a visão computacional para criar realidade aumentada, o efeito 3D. Essa inteligência artificial é gerada por algoritmos de leitura de imagem, treinados a partir de uma base de dados. O banco (*dataset*) tem milhares de imagens. Quanto mais fotos o programa lê, mais as reconhece. “Falta representatividade de rostos negros nos *datasets*. Não tem diversidade, a maioria das imagens é gerada nos EUA e na Grã-Bretanha”, diz Carla.

Silvana Bahia, coordenadora do Pretalab, projeto que incentiva a produção de tecnologia por mulheres negras e indígenas, afirma: “Usamos algoritmos para tentar prever o futuro, mas com dados do passado, em que o negro está estereotipado. Como esse futuro vai ser mais inclusivo se olhamos para dados em que estereótipos são repetidos?”.

Adaptado de Thaís Augusto e Paola Ferreira Rosa. Folha Uol, 2021.

O uso de algoritmos com as características descritas na reportagem impõe ao ensino de história um desafio.

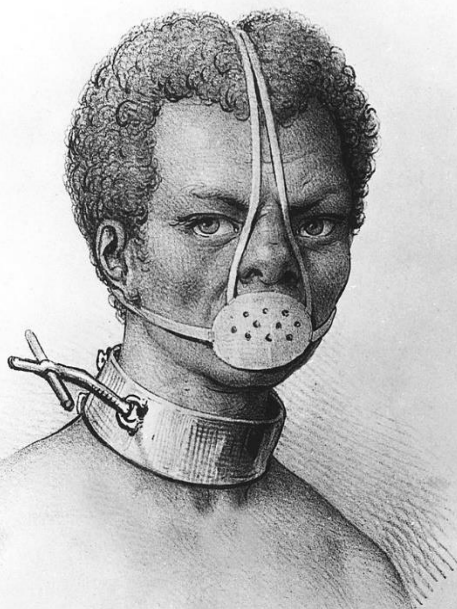
Esse desafio tem como objetivo o desenvolvimento da percepção dos estudantes acerca do seguinte problema:

proliferação de notícias falsas

naturalização de padrões estéticos

fetichização de inovações materiais

disseminação de preconceitos geracionais

QUESTÃO 20

RETRATO DA "ES CRAVA ANASTÁCIA"

O retrato de Anastácia foi feito provavelmente por Jacques Arago, entre 1817 e 1818. Há outros desenhos de máscaras cobrindo o rosto inteiro de escravizados(as) somente com dois furos para os olhos. Alguns dizem que Anastácia era filha de uma família real Kimbundo, nascida em Angola, sequestrada e levada para a Bahia e escravizada por uma família portuguesa. Na segunda metade do século XIX, a figura de Anastácia começou a se tornar símbolo da brutalidade da escravidão. Ela se tornou uma referência importante do mundo africano e afrodiaspórico, representando a resistência histórica desses povos. Anastácia também é comumente vista como uma santa dos Pretos Velhos, e é objeto de devoção no Candomblé e na Umbanda.

Adaptado de KILOMBA, Grada. Memórias da plantação, 2019.

Utilizadas em aula para o ensino fundamental, as histórias contadas sobre a personagem destacada permitem análises sobre o Brasil do século XIX.

Tais análises possibilitam, principalmente, a identificação de relações de interdependência entre:

poder senhorial, liberdade política e tolerância religiosa

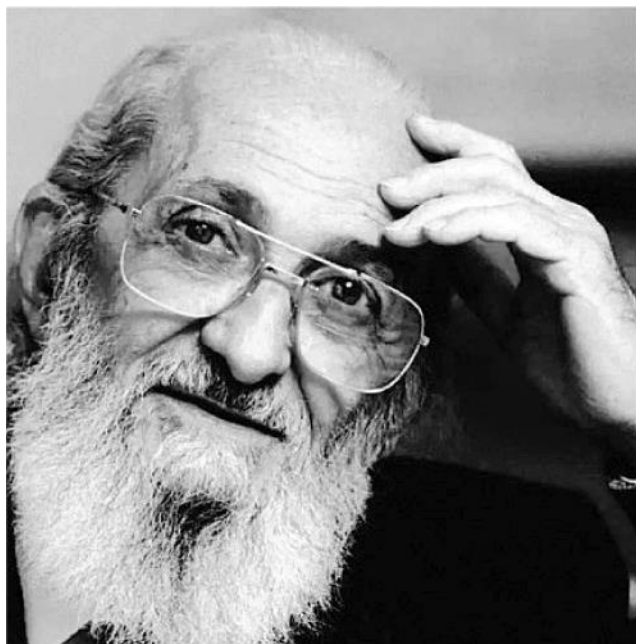
questões raciais, hierarquias sociais e rotinização da violência

tráfico negreiro, prosperidade econômica e emancipação nacional

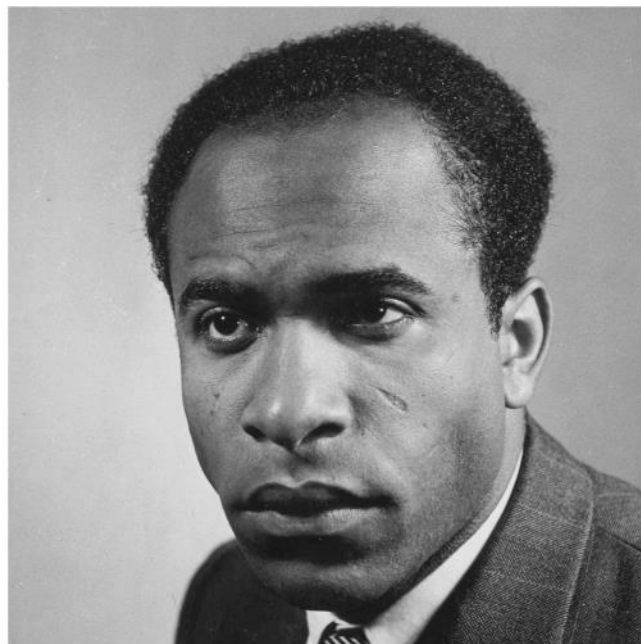
partilhas culturais, identidades plurais e mestiçagem da população



PROVA DISCURSIVA



Paulo Freire (1921 - 1997)



Frantz Fanon (1925 - 1961)

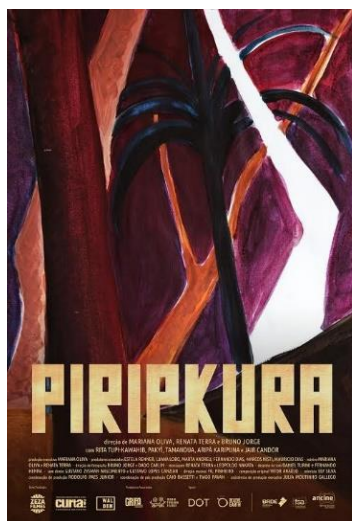
Google Imagens, 2021.

Uma educação inspirada em Frantz Fanon e Paulo Freire propõe metodologias produzidas em contextos de luta, marginalização, resistência, que alguns autores têm chamado de 'reexistência'; pedagogias como práticas insurgentes que fraturam a modernidade/colonialidade e tornam possível outras maneiras de ser, estar, pensar, saber, sentir, existir e viver-com.

Adaptado de WALSH, Catherine. *Pedagogias Decoloniales: Prácticas Insurgentes de Resisitir, (Re)existir y (Re)vivir*. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

Escolha uma das temáticas apresentadas a seguir e desenvolva uma proposição de aula de história coerente com as inspirações pedagógicas enunciadas na citação de Catherine Walsh.

Temática 1 – Piripkura, o documentário



FICHA TÉCNICA

Nome: Piripkura

Origem: Brasil

Ano de produção: 2017

Gênero: Documentário

Duração: 82 min

Classificação: 10 anos

Direção: Bruno Jorge, Renata Terra, Mariana Oliva

Vencedor de prêmios no Festival do Rio e no Festival Internacional de Documentário de Amsterdã, Piripkura representa a saga dos dois últimos sobreviventes desse povo indígena, cujas pistas são seguidas pacientemente por Jair Candor, funcionário da Funai.

Os destinos de Candor e desses dois últimos sobreviventes, chamados de Pakyi e Tamandua, cruzaram-se em 1989, quando o primeiro liderou uma expedição que os localizou, num trecho de floresta no Mato Grosso, cercado por fazendas e madeireiras em expansão.

Desde então, Candor tem como missão monitorar a sobrevivência de Pakyi e Tamandua, para poder renovar a portaria de interdição de sua terra à cobiça de fazendeiros e de madeireiros, pois não se trata de uma demarcação definitiva. Candor e sua equipe partem para a floresta onde Pakyi e Tamandua vivem. Nela, os indígenas demonstram as incríveis habilidades que os protegeram do massacre que vitimou o resto de seu povo.

A paciência é a arte que Candor deve cultivar acima de tudo. Por longos meses, tudo o que encontra são sinais de fogueira, cascas de cará, restos de cabanas, sinais inequívocos da passagem dos dois indígenas.

A persistência, no entanto, compensa. E Pakyi e Tamandua finalmente aparecem, por vontade própria, no posto da Funai. Curiosos, mas não intimidados com a câmera, eles se misturam a Candor e aos outros ocupantes do posto, compartilhando os alimentos que lhes oferecem e participando de uma pescaria. Candor tenta retê-los o tempo que pode, para que a enfermeira chegue e avalie a saúde deles.

O documentário remete a um encontro entre eras tão diferentes como deve ter sido a chegada dos portugueses ao Brasil em 1500, só que, dessa vez, com o homem branco imbuído da vontade de proteger, não de explorar.



Temática 2 – Entre história e memória

Existem milhões de toneladas de livros, arquivos, acervos, museus guardando uma chamada memória da humanidade. E que humanidade é essa que precisa depositar sua memória nos museus, nos caixotes? Ela não sabe sonhar mais. Então ela precisa guardar depressa as anotações dessa memória. Como essas duas memórias se juntam, ou não se juntam? É muito importante para nossos povos tradicionais que ainda guardam essa memória, herdeiros dessa tradição, cada vez mais restrita no planeta, ilhados em alguns cantinhos do Pacífico, da Ásia, da África, aqui da América, num mundo cada vez mais mudado pelo homem, onde o dia e a noite já não têm mais fronteira, porque inventaram artifícios para ele rodar direto – dia-noite-dia. Quando o homem rompe a separação entre o dia e a noite, como ele vai sonhar? Quando os homens trabalham de dia, de noite, de dia, de noite, qualquer hora, eles estão se parecendo muito com a criação dos homens mesmo, que são as máquinas, mas muito pouco parecidos com o criador do homem, que é o espírito.

Para esses pequeninos grupos humanos, nossas tribos, que ainda guardam essa herança de antiguidade, essa maneira de estar no mundo, é muito importante que essa humanidade, que está cada vez mais ocidental, civilizada e tecnológica, lembre, ela também, dessa memória comum que os humanos têm da criação do mundo, e que consiga dar uma medida para sua história, para sua história que está guardada, registrada nos livros, nos museus, nas datas, porque, se essa sociedade se reportar a uma memória, nós podemos ter alguma chance. Senão, nós vamos assistir à contagem regressiva dessa memória no planeta, até que só reste a história. E, entre a história e a memória, eu quero ficar com a memória.



Para proposição da aula, os seguintes elementos devem ser apresentados nas seções indicadas:

- temática escolhida;
- título da aula;
- ano da escolaridade;
- duração da aula;
- problematização e objetivos de aprendizagem (80 a 175 palavras);
- desenvolvimento da aula, abordando os conteúdos e/ou conceitos a partir da problematização e indicando atividades e materiais didáticos a serem utilizados (150 a 300 palavras);
- critérios e instrumentos de avaliação de aprendizagem (20 a 60 palavras).

Observações:

1. Suas respostas deverão obedecer à norma-padrão da língua portuguesa.
2. Receberá **zero** na prova discursiva, a proposta que:
 - contenha qualquer tipo de identificação;
 - esteja organizada em tópicos, escrita de forma esquemática;
 - não apresente a problematização e os objetivos de aprendizagem;
 - não desenvolva os conteúdos e/ou conceitos.